

Síntese: considerações sobre rap, filosofia e religião

Síntese: considerations about rap, philosophy and religion

Bruno Carvalho Rocha¹

RESUMO

O rap é parte de uma tradição musical afro-diaspórica, responsável em organizar lutas sociais, identidades culturais e saberes diversos. A religião, como parte da experiência cotidiana, de afirmação e (re)invenção de comunidades negras e periféricas, proporciona um conjunto de elementos, imagens e símbolos que permeiam diversas narrativas do ritmo e da poesia. Nesse contexto, o rap e a religião apresentam-se como discursos complexos da vida social, subjetiva e estética dos sujeitos; por meio desses elementos a condição humana é pensada, problematizada e sua religiosidade colocada em perspectiva. Através do Síntese, grupo de rap do interior de São Paulo, este artigo tem como objetivo refletir aspectos da religião como parte fundamental de um complexo saber filosófico articulado pelo rap.

Palavras-chave: rap; filosofia; religião; Síntese.

ABSTRACT

Rap is part of an Afro-Diasporic musical tradition, responsible for organizing social struggles, cultural identities and diverse knowledge. Religion, as part of the everyday experience, of affirmation and (re)invention of peripheral communities, provides a set of elements, images and symbols that permeate different narratives of rhythm and black poetry. In this context, rap and religion are presented as complex discourses of the subjects' social, subjective and aesthetic life; through these elements the human being is thought of, his social condition problematized and his religiosity put in perspective. Through a group called Síntese, from São José dos Campos/SP, this article aims to reflect aspects of religion as a fundamental part of a complex philosophical knowledge articulated by rap.

Keywords: rap; philosophy; religion; Síntese.

Introdução

*Roubamos o céu de quem voa / Ao pensar que os anjos
não vêm / Enquanto os pássaros vinham / Não pra ensinar
a sermos pássaros / Nem pôr em seu caminho semáforos /*

¹ Doutorando em Ciências da religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). E-mail: brunorocha_47@hotmail.com.

Nem transformar florestas em fósforos / Escravizamos irmãos afros / E a troco de quê? / A custa de quê? Conforto? / Anjos que antes de encarnar fizeram figas pro aborto / Deu sorte os que nasceu morto / Há 500 anos atrás a nossa terra era selva / Mais que navios no cais, levaram a “salvação” / Erramos alvos demais, a paz que era evolução / Moleque hoje sem noção / Não entende um “A” do dicionário / Quer paz, justiça e liberdade? / Começa a ver que o vidão que dão na televisão / Não passa de morte / Vida pra mim é dos índios / Eu mando um salve pros fortes / Que escondidinho lá na Amazônia vive em choque / Do demônio Americano vim com as tropa de choque / Irmãos, sejam leões, espírito de aldeões / Que grandes templos se construam, mas em nossos corações.

Síntese, 2015.

A cultura é tema de grandes debates em diversas áreas do conhecimento. Antropólogos, sociólogos, historiadores e filósofos discutem ao longo dos séculos aspectos políticos, sociais e religiosos que formam as “teias” que dão vida às relações humanas. É na cultura que o sujeito se forma e desenvolve-se enquanto parte de uma sociedade. É nela também que as relações econômicas, psicológicas e materiais, por exemplo, são estabelecidas. Na visão do filósofo e antropólogo Ernest Gellner, a cultura seria “o meio partilhado necessário, o sangue vital, ou talvez, antes, a atmosfera partilhada mínima, apenas no interior da qual os membros de uma sociedade podem respirar e sobreviver e produzir” (GELLNER, 1983, p. 37-38).

Nietzsche, filósofo que se preocupou amplamente com os debates da sociedade europeia em que estava inserido, afirma que um dos seus objetivos sempre fora “compreender o íntimo nexos e a necessidade de toda verdadeira cultura” (Fragmento Póstumo, 1887, 10[28], KSA 13.307). Dentre as suas reflexões, ele observa a “decadência” da cultura e do homem moderno de sua época, estruturados num tipo de razão historicista fundada na filosofia grega e socrática (DREWS, 2018, p. 34-35). Em *Crepúsculo dos Ídolos* o filósofo alemão chega afirmar que na Alemanha, “esqueceu-se que a educação, a cultura, é o fim – e não ‘o Reich’ [império] –, e que para tal fim é necessário o educador – e não o professor ginasial e os eruditos da universidade” (NIETZSCHE, 2012, n.p.).

Essas e outras percepções a respeito da cultura, guardadas suas singularidades históricas e contextuais, são importantes para o desenvolvimento da reflexão sociológica e filosófica feitas no ocidente. Pois elas tentam compreender os aspectos fundamentais dessa “atmosfera” que viabiliza a sobrevivência humana, sua organização comunitária – seus modos de transmissão de conhecimento, arranjos de vida, etc –, bem como apontam a necessidade de se refletir criticamente os efeitos devastadores da modernidade, do capitalismo e do projeto colonial que atravessou diversos povos e culturas.

É dentro da história ocidental, como um tipo de contracultura da modernidade, que o movimento hip-hop – nascido nos Estados Unidos, no final dos anos 1970 – apresenta-se enquanto um poderoso e expressivo fenômeno cultural afro-atlântico, estabelecido nas periferias e nas rotas da diáspora africana (GILROY, 2012). Aglutinando uma experiência de resistência política, tecnologias de sobrevivência étnico-culturais – por meio da produção de vínculos sociais e expressões artísticas, filosóficas e espirituais dissidentes –, o rap, como linguagem musical, se estabelece por meio do hip-hop como um tipo de arte capaz de refletir o ser, sua condição social e histórica, além de oferecer de forma particular, novas possibilidades de formulação de significados e acessos ao mundo.

Como uma manifestação da “estética africanista”, ou seja, uma cultura construída através do movimento das muitas identidades e expressões afro-diaspóricas (SANTOS, 2019, p. 120), o rap/hip-hop problematiza conceitos e teorias hegemônicas, denunciando qualquer tentativa de generalização ou essencialismos a respeito das culturas afro-americanas. Sua sonoridade e sua proposição estética se dão por meio de hibridismos, negociações e releituras complexas próprias do mundo periférico. Desta forma, o rap, assim como outras expressões das culturas negras e marginalizadas, se apresenta como parte de um saber político-filosófico pós-colonial, desafiando algumas noções epistemológicas “oficiais”, além de propor novas reflexões sobre cultura e sobre a vida.

O rap constitui-se, então, como um tipo de “casa-lar” em que os “filhos da diáspora” constroem suas identidades (FONSECA, 2019, p. 135), revisam sua própria história, seus vínculos territoriais e religiosos. Sujeitos que foram historicamente abandonados à própria sorte, desapropriados de bens e de afeto, descobrem na cultura, a oportunidade de perguntarem e refletirem sobre a própria vida, ou seja, examinam a existência por meio do conhecimento das ruas (DARBY; SHELBY, 2006, p. 18).

Dessa forma, grupos e artistas do rap brasileiro, principalmente aqueles oriundos de contextos periféricos, atravessados constantemente por questões sociais como raça, classe e gênero, mas também pela religião, tornam-se protagonistas, agenciam, disputam sentidos e significados do pensamento e da cultura brasileira. A reivindicação de um saber-conhecimento “marginal” como o quinto elemento do hip-hop – ao lado do grafite, do rap, *break-dance*, discotecagem –, acaba por deslocar e desestabilizar conceitos e valores brancos-coloniais estabelecidos na estrutura social. Pensar as implicações do rap nacional, seu discurso e sua participação nas discussões e esgarçamentos teórico-metodológicos favorecem a construção de novos horizontes para discussões filosóficas, para os estudos culturais e para a compreensão das religiões.

Sendo, portanto, a religião, parte da experiência cotidiana, de afirmação e (re)invenção das identidades periféricas, sua presença massiva no repertório do rap proporciona um grande conjunto de elementos, imagens e símbolos que permeiam e dão vida às mais diversas narrativas do ritmo e da poesia marginal. Assim, o rap e a religião também se apresentam como discursos complexos da vida social, subjetiva e estética dos sujeitos; por meio deles o ser-humano é pensado,

sua experiência social problematizada e sua experiência religiosa colocada em perspectiva.

Dessa forma, Síntese, um grupo de rap de São José dos Campos/SP, é inserido em nossa reflexão como um ponto importante de partida para refletirmos algumas dessas dimensões culturais e políticas já apresentadas, assim como compreender como a religiosidade/espiritualidade é articulada intimamente no imaginário de um Brasil periférico. Oriundos de famílias católicas, diretamente do interior de São Paulo, os integrantes do Síntese relacionam diversos aspectos da religião, bem como do seu cotidiano periférico, com discursos poéticos, filosóficos e políticos inscritos na tradição do rap. Como visto também em outros rappers brasileiros², Neto e Leonardo utilizam-se de um arcabouço mítico-poético, narrativas religiosas, relendo em suas canções os conceitos da rua por meio de temas teológico-filosóficos.

Esse grupo de rap do interior de São Paulo ficou conhecido pela sua capacidade de articular em seus discursos dimensões profundas da existência humana – consideradas por fãs e outros rappers como complexas –, à uma intervenção poético-performática de dimensões religiosas em seus shows³ e apresentações⁴. Portanto, esse artigo tem como objetivo (1) conhecer parte da trajetória religiosa e da obra do Síntese, para então, (2) oferecer uma análise geral do pensamento e dos elementos que compõem sua linguagem religiosa no álbum

² Para conferir alguns outros exemplos de rappers que fazem uso de discursos e elementos religiosos em suas canções, conferir o item “A história do mito no rap nacional” no artigo *No princípio era o rap: A construção do mito na obra dos Racionais MC's* (CAPPELLI; ROCHA, 2020); os itens 1.2 (p.62-84) e 2.1.2 (p.107-121) da dissertação *Rap e religião: análise do imaginário religioso em Racionais MC's* (ROCHA, 2022), e o artigo *O mundo mítico-poético de Baco Exu do Blues: erotismo e religiões no rap* (ROCHA, 2021).

³ Em show de 2014, no espaço Matilha Cultural, Neto abre o show com as seguintes palavras: “A gente tem pra passar, mano, é um caráter meio de palestra mesmo, nossa intervenção, tá ligado mano? Por causa que, o que a gente tem a dizer, o que a gente traz, é muito mais importante que as músicas, tá ligado mano? Por causa que é o seguinte mano, tipo, existe muitos rap, né mano... Rap existe muitas vertente, né mano? Existe rap de rimador né, de várias pessoas... Tipo, ‘nóis’ é mais umas ideia ‘memo’ que ‘nóis’ escreve, que ‘nóis’ acha relevante, tá ligado? E acaba gerando umas música, que é o jeito nosso, é o que a gente tinha desde antes de ter as consciência, tá ligado? Que acompanhou a gente depois disso, tá ligado? Eu creio muito que é uma incumbência divina, tá ligado mano? Eu coloco Jesus Cristo sempre na minha frente antes de tudo que eu fizer, tá ligado? Que envolve esse meio de atuação. Por causa que é o seguinte mano, essa ideia que eu quero passar, tá ligado mano, convencer os irmãos que o amor é mais importante que o ódio, [que] ninguém entre o céu e a terra basta (...). Eu vejo no olho de cada um aqui, tá ligado ‘fei’?, ‘nóis tudo é ouro ‘fei’, o Espírito Santo tá dentro de cada um ‘fei’, ‘nóis’ é templo mano, tá ligado? ‘Nóis’ esqueceu disso mano, tá ligado? ‘Cê’ é louco mano... ‘Nóis’ é divindade tá ligado? E é assim que ‘nóis’ tem que se tratar, tá ligado mano? E é isso, peço licença pra manipular todas as vibrações, tá ligado? Pra intervir na vida de vocês nesse momento, tá ligado? Muito obrigado pela atenção primeiramente, licença pra chegar São Paulo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g8vT6EH2aAI>. Acesso em: 30 jan. 2021.

⁴ Em entrevista ao canal Rap Cru, os rappers Rashid, Kamau e Ogi, comentam sobre a música e a carreira de alguns grupos e Mc's do Brasil, e citam que uma das característica do Síntese é a presença “hipnotizante” no palco e que, a construção de uma oratória própria, como um “pregador”, fazem com que o público se conecte com a sua música. Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=xzsv-VyghgY>. Acesso em: 11 jan. 2020.

Sem cortesia (2012). Por fim, (3) tentaremos trazer breves apontamentos da relação entre rap, filosofia e religião já levantados nesta introdução. Esperamos demonstrar a singularidade do rap e de seus agentes no desenvolvimento de um saber filosófico altamente complexo e significativo, tanto para pensarmos novas teorias e conceitos, como para expandir os estudos sobre rap e religião no Brasil.

1. Vida e obra

Poder cosmológico

Leão alado

Síntese, raciocínio quebrado

Importa a valorização de qualquer resultado

Síntese, 2021

Síntese é um grupo de rap criado em 2010, em São José dos Campos, interior de São Paulo. Gestério Neto e Leonardo Irian, ainda muito jovens na época, deram vida ao que costumam chamar de “projeto musical” de rap, gênero musical que desde criança acompanha a formação social dos dois. Neto e Leonardo se conheceram na adolescência, no quarto de um produtor de rap da cidade, o Moita. Neto, em atividade desde 2006, diz que a “cena” local do rap em São José, contava com diversos shows e eventos patrocinados pela prefeitura da cidade. Ali, as rodas de improvisação de rimas geravam um ambiente onde a cultura hip-hop era sentida “corpo a corpo” entre *b-boys*, grafiteiros e os jogadores de basquete: “O ‘cê’ fazendo rap ali mano, nós jogando basquete, ‘bagulho’ corpo a corpo. Os b-boy dançando perto de você, os grafiteiro, tá ligado? Era uma religião, uma igreja, um lugar pro ‘cê’ colar domingo, tá ligado? [Um lugar] Que você ia se sentir à vontade” (NETO, 2017). Todo esse contexto interiorano, de aprendizado local e coletivo, trouxeram ao Síntese uma relação religiosa com o hip-hop, desenvolvendo um senso “sagrado” diante da responsabilidade de ser um “formador de opinião” por meio da linguagem do rap⁵.

Segundo Neto, esse movimento cultural estava espalhado em diversos “quartos” e casas do Vale do Paraíba, região metropolitana do litoral norte de São Paulo. Onde cada rapper, inserido num contexto particular, produzia de forma independente diversas reflexões críticas sobre espiritualidade, sociedade e política⁶. No entanto, além dos amigos e produtores musicais oriundos daquele contexto,

⁵ “A arte é sagrada, pra edificação espiritual, tá ligado? (...) Nosso sopro é um tufão na vida do moleque de 15 anos que tá vendo ‘nóis’, tá ligado? O moleque vai reparar em cada pedacinho do nosso corpo, e cada trejeito, tudo é uma sugestão” (NETO, 2015).

⁶ “E era lindo mano. Nego Max chegava lá de Taubaté pá, daquele jeito, falando tudo os ‘bagulho’ que falava nas letra, num ‘pé’ social cabuloso, representando uma energia que ninguém representava. E tava eu e o Léó escrevendo os ‘bagulho’ lá na Zona Sul daquele jeito, e falando que o mundo era uma prisão. E falando de tudo aquilo, que todos os enredo era fabricado, que era tudo armação o mundo, tá ligado? Aí veio o Mateusão do Distúrbio Verbal acreditando em Deus, e disparando pra tudo quanto é lado, falando tudo daquele jeito, tá ligado?. Aí daqui a pouco veio o Moitão, ‘ayahuasqueiro’, com a mente aberta pra caramba, com uns livro, umas música, com as ideia diferente, sem culpa de nada, tá ligado? Descalço... (...) Daí o Surpresão vinha do outro lado devorando aqueles livros de filosofia” (NETO, 2017a).

o rap e a cultura hip-hop têm um longo e anterior percurso histórico no Brasil. Assim, o grupo Síntese é resultado de muitos que vieram antes deles em outros estados e cidades. Em entrevista, Neto cita diversas referências do rap nacional que formaram tanto a sua musicalidade e a de Leo, antes e depois do sucesso, como Shawlin, Emicida, Kamau, Marechal, Black Alien e Racionais Mc's. Tais grupos de rap serviam como inspiração, um modelo de vida, simplesmente por apresentarem em suas músicas “uma vida mais parecida com a minha, talvez. Mais parecida com a realidade que eu fui submetido e que eu me identificava mais. Conversou com o meu sentimento” (NETO, 2015). Esse “casamento”⁷ de ideias e sentimentos, aliados à proximidade de uma experiência periférica “real” comum entre Neto e Leonardo, os levaram a dividir por dois anos (2010-2012) a mesma casa (NETO, 2015). A moradia servia como estúdio e proporcionou uma síntese inexplicável de comunhão entre os dois, que produziam, compunham e criavam de forma intensa, uma identidade sonora mítico-poética ímpar dentro do rap nacional.

Em 2012, pela primeira vez, o grande público teve acesso às ideias e aos raps do grupo Síntese. Através do programa “Manos e Minas” (1993-2019), transmitido pela Tv Cultura, a dupla apresentava um estilo denso e complexo de rap, uma “tese apocalíptica” – em suas palavras –, até então desconhecida para os fãs de rap⁸. Naquele mesmo ano, quando Neto e Leonardo tinham acabado de completar 18 anos, lançaram seu primeiro álbum chamado *Sem cortesia: Vagando na Babilônia em busca de Canaã*. Nessa época, o grupo começou a receber os primeiros convites para se apresentarem fora da sua região, indo para São Paulo, no “Rap Móvel” – evento produzido pelo rapper Nocivo Shomon, da Zona Leste –, além de fazer alguns shows em casas noturnas da capital paulistana (NETO, 2017). Nesse momento, onde a internet se tornava um meio de conexão, troca e divulgação da cultura hip-hop, em especialmente do rap, o grupo também lançou o clipe da música *4:20*, tendo ampla aceitação do público e, conseqüentemente, gerando curiosidade sobre o estilo e as ideias daquela dupla tão jovem de São José dos Campos/SP.

Neto relata que neste período inicial de suas carreiras, enquanto o público aos poucos se identificava com a intensa e profunda sonoridade do Síntese, existia, de fato, uma espécie de “fluxo espiritual” quase incontrolável, uma enorme

⁷ Neto relata em uma entrevista para o coletivo Colmeia Golden Era, um pouco da relação que construiu com Leonardo, sua dupla. Além da intensidade dos dois quererem dar uma “Cabeçada no horizonte”, ele afirma que o Leonardo salvou sua vida em todos os sentidos, inclusive “de uma vida medíocre”. Ele diz também que a cumplicidade da relação simulava um casamento: “Eu tenho pra mim que eu vivi um céu, ali. Eu vivi um casamento ali, sabe mano. A amizade nossa era algo muito bonito, tá ligado mano, que me inspirava, inspirava todo mundo ao nosso redor (...) Era tipo vida de casado, sabe? brigando e fazendo as pas o dia inteiro e fazendo rap na casa dos outros”. Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=ke1H7j6g7mM>. Acesso em: 11 jan. 2021.

⁸ Conferir a primeira apresentação do grupo no programa Manos e Minas em: <https://www.youtube.com/watch?v=hLadLk8Qq-k>. Acesso em: 11 jan. 2021. Nessa apresentação, já é possível identificar não só a complexidade da sua poesia, mas a postura de “mensageiros” de uma “tese” que transcende a existência material: “E nós fazemos nossa intervenção musical, entendeu, que é o rap mano, tá ligado, a gente pode soar meio ofensivo, eu peço perdão mesmo, entendeu, o ímpeto é inevitável frente a urgência da nossa luta que é tese apocalíptica mesmo que ‘nóis’ tem em nosso senso, certo?”.

inquietação existencial e religiosa naqueles dois jovens que aos poucos formavam a “cara” e a identidade do grupo de rap. Tanto que em dez dias, os dois produziram três discos, e tinham em mente que, depois dos lançamentos, ambos entrariam para a vida religiosa através da Ordem católica dos franciscanos:

A gente queria virar franciscano, que era uma ideia que a gente teve. Que achamos que, tipo, mesmo debaixo da jurisdição de uma Igreja, ia ser uma prática que não ia limitar a gente dentro do que ‘nóis’ queria, voto de tudo. A gente queria intervir na matéria, tá ligado? (...) Era uma inquietação muito grande. No meio disso, o que tinha pra fazer era música. E pra ‘nóis’, era quase pouco, tá ligado? Então, ‘nóis’ se internou no Wilhão, fez três disco. ‘Escrevemo’, ‘escrevemo’, ‘escrevemo’ e um desses, é o *Sem Cortesia* (NETO, 2017).

Esse processo/desejo de austeridade, rejeição do mundo material e carnal, aliado a um intenso discurso poético-religioso – demonstrado na vestimenta inicial dos rappers (roupas simples, uso de crucifixos, escapulários), na performance corporal, e nas sonoridades melancólicas e contemplativas do seu rap –, trouxeram diversas questões para a dupla. Além de uma breve parada entre 2012 e 2013, onde os dois foram diagnosticados com esquizofrenia e alguns distúrbios psicológicos, Leonardo decidiu parar sua carreira no rap para sair em busca de respostas espirituais e existenciais que suprissem as dúvidas que se apresentavam naquele momento. Aquela “atmosfera” cósmica de luta espiritual, de expansão mental-filosófica e de conflitos psicológicos que envolvia os dois, foi classificada por Neto como uma fase difícil de superar – época que deixou marcas profundas que caracterizam o grupo até hoje, tanto em relação à carreira como na vida pessoal de cada um deles⁹:

A parte espiritual tava a milhão. Eu lembro que no reveillon de 2011 pra 2012 começou a acontecer uns negócio com a gente. Que entrava umas coisas e falava com as pessoa, sabe? Uma mediunidade que começou a chegar e a gente não sabia controlar, não sabia desenvolver, sabe? Não sabia aprender a lidar com aquilo. E a gente foi atrás de tudo. E na época, quem tava perto da gente era o Mateusão ali, o Distúrbio Verbal. Aquela fita bem evangélica, bem pentecostal. E “trono sobre trono”, e David Rebollo que era outra loucura também, tá ligado? E a gente começou a subir pros monte... se é isso a verdade, então, que vai salvar a gente, a gente começou a ir. E Bíblia, sabe? E não era de

⁹ Leonardo Irian, diagnosticado com um grau mais severo de esquizofrenia, passou por diversos momentos conturbados. Além do seu afastamento do grupo por questões de saúde, acabou se envolvendo com drogas, sendo preso duas vezes. O seu processo corre na justiça até o presente momento. Depois do lançamento do álbum *Ambrosia* (2020), que celebrava também um retorno de Leonardo aos trabalhos oficiais do grupo Síntese, foi divulgado pelas redes do grupo e de rappers próximos à dupla, que o mesmo havia desaparecido de São José dos Campos, cidade onde vive. Depois de ser achado próximo a cidade de São Paulo, Neto fez uma *live* em sua rede social com o título “Precisamos falar sobre esquisofrenia”, explicando toda a situação atual e antiga, sobre a relação do grupo com essa doença. Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=BXGekIQZwy0>. Acesso em: 12 jan. 2021.

uma maneira saudável, tá ligado mano, não era de uma maneira saudável as coisas (NETO, 2017).

Neto decalra em uma entrevista, por exemplo, que Leonardo sempre teve uma sensibilidade muito grande com o “mundo espiritual”¹⁰ e com a própria vida, mas que ambos não sabiam lidar muito bem com tudo aquilo que se apresentava a eles: “Era muita pouca idade, né? E a nossa vida sempre foi muito intensa. E a gente vivia nessa época experiências espirituais, sabe? Traumatizantes pra gente na época, sabe? E foi demais pra gente, sabe mano? A gente não soube lidar muito bem” (NETO, 2015). Diante das crises e desafios que os dois rappers passaram, Neto decidiu continuar representando o Síntese, mesmo com a ausência de Leonardo – Leo acaba voltando em 2020 para o disco *Ambrosia*. O caminho percorrido a partir de 2013 trouxe mais maturidade e ajudou a ressignificar toda aquela “energia” que naquele momento, não se mostrava muito “saudável”:

A gente queria se excluir do mundo, tá ligado? É isso que eu acho que é um erro, que eu vejo muita gente que passa pelas 'consciência', que passa por esse mesmo 'surto de lucidez', não sei como chama isso... Um despertar, uma iluminação, não sei. Por causa que, não é um estado permanente também. É um 'bagulho' que é dia após dia. É todo dia, tá ligado? Cada época é uma época, você tá de um jeito, né? E você não pode se retirar do mundo. O nosso erro foi esse, tá ligado? Eu acho que o exemplo que as pessoas precisa é de alguém que esteja no mundo, ali, 'firmão', lidando com as questões da vida. Indo comprar um pão, comendo com a sua família ainda (...) E embora eu acho que aquela fase, foi tanta energia que aconteceu ali, tá ligado? Tanta energia que foi contida ali, foi um grito tão grande, tá ligado? Tinha algo tão grande ali, que ainda é [continua] Síntese. Sempre vai ser Síntese. Não que aquela energia seja mais que isso [daqui]. Talvez a serenidade de agora, é a conclusão daquilo, tá ligado? E não é uma conclusão eterna também. Porque a vida é looping, cada um tá no seu 'looping eterno' (NETO, 2017).

No ano de 2013, Síntese, sob a voz de Neto, foi chamado para gravar a música *Equação* – que faz parte do disco *Buracos ao Chão* (2013), gravado em parceria com o rapper Inglês –, em uma das maiores produtoras de rap e conteúdo digital, o Rapbox. Em 2014, o grupo de São José foi chamado novamente para o programa “Manos e Minas” onde junto com a banda Projetonave, apresentou diversas músicas que, posteriormente, foram disponibilizadas nas plataformas digitais. Mesmo sem Leonardo, Neto recebeu o apoio de fãs e amigos para continuar a jornada na qual Léo, sem dúvida, era um personagem fundamental. Síntese participou do programa “Show Livre” em 2016, da música *Plano de voo*,

¹⁰ “O Léo 'baqueou' bastante a sensibilidade espiritual dele, sabe. O Léo nunca usou droga, nunca usou química, tá ligado? O Léo é o tipo do mano que toma uma latinha de cerveja e já sabe... Ele é muito sensível espiritualmente, sabe mano? 'Cê' olha pra mãe dele e 'cê' entende tudo. A mãe dele é uma pessoa que lida com o plano espiritual o dia inteiro. Assim, tem uma sensibilidade tão grande e não consegue dar conta da vida normal também” (NETO, 2017a).

no disco do rapper paulistano chamado Criolo. Neto também trabalhou, por meio do grupo, com diversos produtores e músicos de referências no Brasil, como Daniel Ganjaman, Thiago França e Kiko Dinucci. Com shows, entrevistas e festivais por todo Brasil, Síntese lançou músicas, clipes, participações e outros álbuns como: *Boomshot Apresenta* (2015), *Trilha para o Desencanto da Ilusão, vol. 1: Amem* (2016) e o mais recente trabalho, *Ambrosia* (2020).

Todos os trabalhos do Síntese, seja com a presença direta de Leonardo, ou só com Neto – motivo pelo qual a maioria das entrevistas e falas deste artigo serem de Neto – tem como característica principal uma poesia que se conecta a questões sociais, filosófico-teológicas e existenciais. A intenção de “explicar o inexplicável” (NETO, 2015), de falar de um sentimento que “não é medido na trena”, de decodificar aquilo que se mostra de maneira misteriosa no mundo, cobrou do grupo a capacidade de estabelecer um diálogo entre a razão, a lucidez e o “extra-sensorial”, “extra-terreno” (NETO, 2017). Dessa forma, para aprofundarmos a relação entre o rap, a religião e o pensamento filosófico em Síntese, é preciso analisar um pouco mais de perto a primeira e talvez mais conhecida obra do grupo, o disco *Sem cortesia: vagando na Babilônia em busca de Canaã* (2012). Observar um pouco mais dos ecos dessa experiência mítico-poética que perpassa a vida de Neto e Leonardo na obra em questão irão apontar alguns caminhos para a compreensão de um pensamento filosófico complexo, desenvolvido por meio do rap.

2. Em busca de Canaã

Enquanto servirmos o Faraó, nunca sairemos do Egito
Síntese, 2012

O álbum *Sem Cortesia: vagando na Babilônia em busca em Canaã* (2012), reúne 28 faixas, em sua maioria curtas, intercalando músicas e interlúdios à capela. Em especial, uma faixa nos chama a atenção. Quase ao final da obra existe um relato chamado *Nota explicativa*, uma espécie de testemunho onde Neto e Leonardo, por quase 12 minutos, narram diversas experiências religiosas que aconteceram no estúdio durante as gravações¹¹. O disco é dividido em duas partes: (1) *Vagando na Babilônia*, com 17 músicas, e (2) *Em busca de Canaã*, com 11 canções. Por hora, é possível perceber que as músicas desse álbum apresentam, de forma geral, uma sonoridade experimental, com bases secas e graves fortes; um tom obscuro, ao mesmo tempo contagiante, “místico”, sinestésico. Toda essa proposta musical desconcertante, com ritmos e batidas “quebradas”, contextualizam e traduzem muito dos sentimentos, ideias e a identidade da dupla.

¹¹ “Então mano, esses dias ‘nóis’ tava aqui no estúdio aqui. Eu tava ‘locão’, pá, e, correu umas manifestação espiritual comigo, dentro do meu corpo, pá. Que, e tipo, ninguém tá isento dessa fita mesmo não, entendeu? ‘Nóis’ decidiu colocar como um documento mesmo, um registro dessa guerra espiritual que todo mundo vive todo dia, tá ligado? Por causa que, todo mundo é a imagem e semelhança de Deus, ‘nóis’ acredita, entendeu?” Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MD018_wStOs. Acesso em: 19 ago. 2022.

Cada som pode ser encarado como parte de um testamento espiritual, como fragmentos de uma tese sócio-filosófica de seu pensamento, chamando o ouvinte a se atentar para a “urgência do mundo” – o caos que habita a humanidade –, e à sua “causa apocalíptica”¹² – um tipo de denúncia profética e anúncio de esperança.

As letras do *Sem cortesia* nos conduzem a uma reflexão social crítica através de versos e graves contundentes, despertando um chamado à contestação, à libertação (“utopia” e “liberdade”), e ao autoconhecimento: “Por isso tô aqui / Pra te alertar, instruir, subverter ao te informar”¹³. Quase 10 anos depois, Neto resgata na canção *Trilha para o desencanto da ilusão* (2020), o impacto daquele disco lançado em 2012. Ele afirma já no começo da canção que é preciso um certo cuidado ao se expor ao seu conteúdo: “Sem cortesia é um buraco profundo, tome cuidado menino confuso”¹⁴. Concebidas em meio a ideias, símbolos e metáforas religiosas, advindas em grande parte por conta de uma formação católica¹⁵, tais canções movimentam abertamente uma dialética entre o “natural” e o “sobrenatural”, incorporando múltiplas experiências e referências cosmológicas, distantes de um discurso dogmático, mesmo que com um rigor ético radical:

“O Síntese é isso mano: essa mensagem, essa ideia, esse compromisso com a verdade, com a verdade, as consciências [razão], independente das nossas conduta, sabe? É a urgência da luta, tá ligado? Sempre foi o rap, né, os ‘mazeladão’ com a vida indo tratar das consciência [razão], com dificuldade pra se expressar ainda. Eu creio que seja isso, tá ligado? (...) Eu acredito que seja muito sagrado isso, sabe? E que eu quero levar essa energia, esse espírito de transformação, que é o Síntese acima de tudo, esse espírito da renovação que me pede uma conduta na minha vida. Eu tem que tá morrendo e renascendo todo dia mano, pra eu poder fazer show do Síntese, tá ligado? Pra eu poder levar esse espírito de transformação pras pessoas. Pra executar essas obras que tá contido toda essa energia de transformação, de morte, renascimento e ressurreição, tá ligado?” (NETO, 2015).

Parte do contexto que subsidiou a construção desse disco já foi observada no item anterior. A vivência periférica, as relações familiares bem como as amizades estabelecem as bases e os motivos das canções. Aliado a isso, existe um

¹² Idem.

¹³ Idem.

¹⁴ Síntese, “Trilha para o desencanto da ilusão”, Álbum Ambrosia (São José dos Campos, Matrero, 2020).

¹⁵ Sobre a criação dentro do catolicismo, Neto relata: “Fui educado muito à base de música, sabe?

A base da doutrina católica, tá ligado? Minha família é vicentina, eu acho que isso diz muito sobre mim também, sabe? Desde criança teve conferência na minha casa, meus pais teve cargo importante nos vicentino, na obra de caridade dos vicentinos, sociedade São Vicente de Paulo” (NETO, 2017). Em outra entrevista, ele afirma que tanto ele como Leonardo vieram desse “berço” religioso: “A nossa família, tanto eu quanto o Léo, a gente é de berço católico praticante, de grupo de oração e de instituição de caridade, sabe? E a gente sempre cresceu nesse meio. Mas só que depois quando você atinge uma idade, ali, uns 15-16 anos, você começa a ser um indivíduo mesmo. ‘Cê’ vai sair pro mundo atrás da sua fé né? ‘Cê’ vai ver o que que você acredita, sabe? De acordo com o que vai chegando até você” (NETO, 2015).

senso de “missão”, um forte sentimento de responsabilidade que é acessado a partir de uma espécie de vocação religiosa, um certo merecimento “sagrado”, como se a dupla funcionasse como um “portal” de acesso à verdades transcendentais: “É interpessoal essa mensagem do Síntese, tá ligado? Não é uma brisa nossa, que eu quero massificar e impor minha própria esquizofrenia (...) O Síntese é isso, mano. É algo muito grande, muito grande, muito maior do que eu, e se eu morrer, vai tá aí ainda” (NETO, 2015).

O sentimento religioso, a instabilidade social em que vivem, as crises psico-existenciais envolta do álbum *Sem cortesia*, fazem das músicas um tipo de relato místico, animadas numa áurea apocalíptica, um tom mítico-poético de caráter messiânico. A própria escrita do grupo, as metáforas religiosas e o pensamento empregado por meio de métricas e arranjos difíceis de compreender se assemelham à escrita noética de muitos místicos. Neto e Leonardo misturam “estados de conhecimento, estados de visão interior” dirigidos às “profundezas de verdade” não abarcadas integralmente pelo “intelecto discursivo” (JAMES, 1995, p. 238). Observa-se, portanto, o esforço de conciliar uma realidade sócio-material periférica, ao mesmo tempo em que há um intenso desejo de traduzir mensagens de um “outro mundo”, unir-se ao mistério do universo, a uma realidade que transcende a própria razão:

Ao fogo que não aquece nem ilumina
Então que venha outro dilúvio, outro começo, Pai.
Só a luz e o sal, o bem que cobra o mal
Que ainda não teve em resenha
Sem ‘convir’ [ser conivente] com o errado pra respirar
Nem instinto pecaminoso pra interagir
Nem pensar. Por aqui vislumbrando religar
Deslumbrando recompensa. Compromete o existir
A trilha do sol nascente me chama toda aurora
Lote vinte e um após o único que fez jus
Ao plano Terra. Espírito na carne, inconsciente
Vão que viu passar o potencial transcendente
Tentar provar o que acredita seu erro alheio
Ego e receio. Condição: consciência ignorante
Aversão, estopim. Assim rebelião covarde
E o tratamento de hombridade, compromete a eternidade¹⁶.

Devido à quantidade de informações sempre contidas em poucas linhas, torna-se impossível abarcar neste artigo todos os aspectos narrativos, políticos e religiosos que a poesia do Síntese nos oferecem¹⁷. Chama-nos a atenção, porém, a profundidade musical e reflexiva com que dois jovens periféricos, um branco e um negro, conseguem elaborar aos 18 anos em um estúdio improvisado no interior

¹⁶ Síntese, “Redenção”, Álbum *Sem Cortesia*: vagando na Babilônia em busca de Canaã (São José dos Campos, Matrero, 2012).

¹⁷ Ao falar sobre o seu processo de escrita e sobre a reflexão que o Síntese propõe sobre o mundo, Neto afirma sua vocação como um cidadão comum olhando para a vida, tentando, a partir do rap, se comunicar com contexto universal das experiências. Por essa ambição, ele diz: “Eu acho que as pessoas vão entender a gente melhor daqui uns anos” (2015).

de São Paulo. Músicas como *Ilusão*, *Só neurose*, *Babilônia*, *Apocalipse pessoal*, *Eis-me aqui*, *Enfermidade*, *E assim reina o homem* e muitas outras demonstram a complexidade filosófica, atravessada por uma cultura estético-narrativa afro-diaspórica, bem como o caráter “místico-profético” de sua obra: “Não é pessoal tá nesse plano, mano / Cano cospe viagem astral / Dano vital, real, qualquer existência sente a perda / Um mal que herda do passado, África. O mais prejudicado, atrasado, continente gueto, preto... Levaram o teto”¹⁸. Dessa forma, nos concentraremos ainda neste item, de maneira breve, em tecer comentários sobre três músicas importantes e bem conhecidas do público neste álbum: *4:20*, *Sem cortesia* e *Se escute*.

2.1 4:20

A popularização do Síntese no cenário do rap nacional foi, em grande medida, em função da música *4:20*. Lançada primeiramente em um pequeno EP, num segundo momento a canção foi disponibilizada como videoclipe no Youtube. *4:20* transformou-se em uma produção significativa para os fãs e para o grupo. Uma câmera parada em ângulo aberto localiza os dois integrantes do grupo, que estão parados em uma escada. Neto em pé, carrega no peito um escapulário da Virgem Maria, visto também em outras situações referentes ao rapper. Ao seu lado, sentado nos degraus, Leonardo expressa um olhar e uma postura reflexiva, introspectiva. O nome da música composto pelos números “4:20”, fazem referência a um horário “oficial”, popularmente conhecido entre os jovens como o momento propício para o uso da maconha – esse horário faz a transição entre o final da tarde e a noite, remetendo a um “clima” de relaxamento, menos agitado e mais sereno.

A música é introduzida com um *sample*¹⁹ de reggae, gênero musical muitas vezes associado ao consumo recreativo e por que não “espiritual” da maconha. Poucos segundos depois, uma sequência de três batidas fortes e graves transicionam aquele “clima” inicial descontraído proporcionado pelo reggae, fazendo um *link* ao contexto reflexivo e crítico que viria logo em sequência.

Neto e Leo parecem estar dispostos a contradizer o momento “paz e amor” que o “4:20” normalmente representa, para trazer a tona um chamado à realidade, apontar os perigos da alienação, da depressão e da falta de perspectiva que muitas vezes captura e entorpece a juventude: “4:20, depressão presente. É o seguinte / Várias fita na mente, no momento descrente / Falta de fé até no que eu devia me apegar / Por ser mal interpretado no ato de tentar passar / Uma visão que a tal sociedade não pode ter”²⁰. A partir desse jogo de ritmos (o reggae/rap)

¹⁸ Síntese, “E assim reina o homem”, Álbum Sem Cortesia: vagando na Babilônia em busca de Canaã (São José dos Campos, Matrero, 2012).

¹⁹ O termo “sample” refere-se a uma técnica de “corte e colagem” muito utilizada no rap, onde o produtor insere trechos de outras músicas e cantores dentro da faixa musical de outro.

²⁰ Síntese, “4:20”, Álbum Sem Cortesia: vagando na Babilônia em busca de Canaã (São José dos Campos, Matrero, 2012).

e metáforas (“4:20”), a música assume um tom provocativo, combativo e ao mesmo tempo convidativo para que o seu ouvinte se atente ao “sistema” que pode dominar nossa vida – e aqui o consumo de droga também está incluso –, e alertar sobre os diversos contextos implicados à juventude periférica como o crime, o consumo, saúde mental, religião, e muitos outros:

Para além do capital...
 Utópico quando o tópico é estudo social.
 E genial, isso é o principal motivo dos problemas
 Blasfêmia, chamar quem age em função disso racional.
 Caucasiano, católico, típico bom sujeito
 De toca, bunda mole e cheio de preconceito.
 Entretido, com qualquer lixo dominical,
 Iludido pela distorção dos fatos no jornal
 Catástrofe natural, conflito internacional
 Noticiário esportivo aqui é supressão cerebral²¹.

2.2 *Sem cortesia*

A música *Sem cortesia*, que leva o mesmo nome do disco, é uma crítica à postura arrogante que se pretende “intelectualizada”, tanto da militância política quanto de setores universitários, que podem se transformar rapidamente em discursos vazios, hipócritas e ineficazes. Certamente, percebe-se que uma das vocações do grupo, além de alertar e se comunicar com a própria periferia, também é contradizer/constranger reconhecidos conceitos e grupos que estão desconectados com a realidade que atravessa a sociedade: “Marionetes de escritório, revolucionários de auditório / São Céticos, utópicos. À mim, contraditórios / Limitados à teoria, não me sensibiliza / Muita sutileza pra minha grosseria / Aprisionado à mania de analisar conflitos / Encontrar motivos. Percebo, logo, existo”²².

Sem cortesia conclama o fim de toda e qualquer amarra que inviabiliza a liberdade dos sujeitos. Junto a certo tom radical de negação do mundo que perpassa a obra, a canção proclama libertação da tutela conceitual, mas também tenciona certa racionalidade que não leva em conta percepções, sensações e contradições da experiência cotidiana dos sujeitos. Essa tentativa constante e inquietante de reconciliar a fé e a razão, continua presente em fases mais recentes do grupo²³, expressando um compromisso de luta pela emancipação de estruturas de pensamento colonial, moderno e positivista, que impedem com truculência

²¹ Idem.

²² Síntese, “Sem cortesia”, Álbum *Sem Cortesia*: vagando na Babilônia em busca de Canaã (São José dos Campos, Matrero, 2012).

²³ No álbum *Trilha para o desencanto da ilusão* (2016), a música de abertura intitulada *Meu caminho*, diz: “De São José / Pra reacender sua fé / Dom da sugestão / Suporte pra sua unção / Libertação e emancipação mental / O culto é racional / Como tem de ser / Te fazer querer crescer / Aprendi ser minha função / Leão da tribo de judá pra te ajudar / Me cabe é saudar e fazer / De cada calçada um altar”.

outros acessos aos saberes e experiências gestadas entre populações negras e periféricas:

Elevação da consciência, o mundo pede
 Globalização, função de Ipad
 Torna mais distante essa noção. Evolução falsa
 Soa igual verdade no seu subconsciente Alicia
 O consciente denuncia
 A distração, Indagação da enganação
 Só poesia, não, trago até você
 Descaso deixar a mercê da má interpretação
 Compositores progressistas, voam além das regras
 Radicalistas, se doam em suas entregas
 Sacro-ofício por mudança, sem muro nem anestesia
 Ao foco, líderes, carece o tom sem cortesia²⁴.

2.3 *Se escute*

Por fim, a música *Se escute* tornou-se ao longo dos anos um “hino” entre os fãs do grupo. Se tratando de números, é a música mais ouvida de toda a carreira do Síntese, ultrapassando 8 milhões de acessos nas plataformas digitais²⁵. A letra foi composta por Leonardo, mas interpretada incansavelmente por Neto em diversas apresentações.

Na introdução da música, a dupla aparece dialogando sobre o fato de escutarem diversas “vozes” em suas cabeças, dando a entender que seres sobrenaturais “sopram”, ou seja, balbuciam palavras e influenciam bons ou maus pensamentos e atitudes: “Do mesmo jeito que Deus e os anjos também sopra, o capeta sopra também”. A conclusão desse prólogo inicial é dada por Leonardo, que diz: “O ‘bagulho’ é ouvir o Deus que tem dentro d'ocê, né mano?”. Como se fosse um tipo de prece angustiada, uma oração em meio ao martírio da vida, a música busca empoderar seus ouvintes por meio de uma análise das “dores eternas” de uma “alma enferma” à procura da cura, da mudança e da transformação: “Onde escorre lágrimas, existe vida / Coração, me faz sentir sua batida / Viver, não é tarde. Covarde, eu não vou ser / É hora de mudar, de me cuidar, melhor que me vencer e me violar / Pior não é morrer, é não viver e ter que respirar. Já que viver é transpirar / Foda é viver sem ter nada pra inspirar”²⁶.

Essa faixa trabalha os conflitos internos do “espírito” periférico, ou seja, a luta entre a vida e a morte; a sobrevivência material e aquilo que transcende o sujeito concreto; dúvidas e escolhas éticas que a vida lhes impõe, e ao mesmo tempo, a urgente necessidade de não esquecer do próprio cuidado mental e espiritual. *Se escute*, inclusive, expõe de maneira profunda os conflitos psicológicos

²⁴ Síntese, “Sem cortesia”, Álbum Sem Cortesia: vagando na Babilônia em busca de Canaã (São José dos Campos, Matrero, 2012).

²⁵ Até o dia 19 de agosto de 2022, no canal do YouTube oficial do grupo, lia-se o número 4.223.762 de visualizações; e no Spotify, 3.875.675 de reproduções.

²⁶ Síntese, “Se escute”, Álbum Sem Cortesia: vagando na Babilônia em busca de Canaã (São José dos Campos, Matrero, 2012).

e subjetivos de Neto e Leonardo. A canção é um convite para adentrar no “subsolo” de suas mentes, e perceber que ali a religião assume-se como um elemento não só de sobrevivência e empoderamento, mas como autoconhecimento, cuidado e renegociações teológicas diante os dilemas da vida:

Se cobre mais, viva mais, ore
 Leve a mente até seu coração, chore
 Lave seu rosto, se eleve em coro
 Perdão, seu ouro prometido
 A cura pro seu couro ferido,
 Em conflito com seu espírito ungido
 Loucura, murmura, é o grito da auto-condenação
 Bendito seja o Senhor
 Que deseja que “cê” seja o seu senhor.

É importante ter em mente esses e outros elementos trabalhados pelo grupo Síntese, para que possamos compreender o tamanho e a qualidade da dupla no que diz respeito à poesia e a construção de novas musicalidades, bem como a utilização de imagens, símbolos e metáforas religiosas como uma espécie de linguagem materna na reflexão que esses sujeitos fazem de sua existência. Síntese desenvolve um amplo senso crítico sobre a vida; eles protagonizam outras leituras possíveis sobre o mundo. Suas ideias e vivências transmitidas por meio do rap demonstram a complexidade do pensamento periférico e suas práticas religiosas, fruto de múltiplos processos que formam a sociedade brasileira. Dessa forma, afirmamos a cultura hip-hop, de forma específica o rap, como um lugar profícuo para os estudos de religião no país.

3. Rap, religião e filosofia: uma síntese

Até aqui nos detemos em aspectos biográficos, temáticos e estético-musicais que atravessam a obra do Síntese. Discutimos como as ideias de Neto e Leonardo são fruto de uma vivência periférica atravessada por questões de classe, raça e religião. Foi possível observar que as imagens e símbolos religiosos por eles articulados, vem de uma forte experiência católica familiar, que atravessa intimamente os anseios, dúvidas e os caminhos percorridos daqueles dois jovens. Ao adentrarmos o disco *Sem cortesia*, podemos perceber que a Bíblia tem um lugar central para a construção das suas narrativas, conceitos e metáforas. Ela é absorvida em sua canção através de um contexto religioso historicamente presente nas periferias brasileiras, inclusive no contexto familiar de Neto e Leonardo, sendo atribuída não só como um texto de fé, mas como um texto ético, gerador de princípios de justiça e mutualidade:

No decorrer dessa história [bíblica], o que importa é tratamento. Evolução e tratamento. Tratamento a partir de um princípio. E essa Bíblia, que é a fita que ‘nóis’ mais concorda, o livro que ‘nóis’ mais concorda hoje em dia, eu acredito que seja real todas essas histórias. Mas mesmo que não seja, que seja só uma história

contada deturpada, o que importa, mano, ‘nóis’ absorver dali, mano, é os princípios de tratamento, entendeu mano? Das histórias... Baseado nisso é o seguinte mano, Jesus é o caminho a verdade e a vida mesmo, entendeu mano? Deus abençoe a todos²⁷.

Vemos, assim, que o rap e seus agentes, estão num movimento incessante de produção de uma hermenêutica própria, um pensamento crítico, seja da sociedade e suas questões ou mesmo da religião. Para falar sobre a relação entre rap, religião e filosofia, é preciso ter em vista a importância e a complexidade das ciências e saberes populares, assim como os desafios que esses impõem à reflexão acadêmica tradicional-ocidentalizada. Primeiramente, é preciso reconhecer nas culturas e no pensamento afro-diaspórico, em seus representantes e intelectuais, um lugar de igualdade em relação às clássicas escolas filosóficas e seus representantes “oficiais”.

A diáspora, segundo Paul Gilroy, legou aos seus descendentes um empreendimento político, histórico e hermenêutico-filosófico multicêntrico (GILROY, 2019, p.17). No contexto de um projeto de sociedade moderna fundamentado na escravidão, surge entre diferentes povos africanos um complexo sistema de trocas culturais onde a junção entre música, religião e a memória – mas não só –, refutam “sugestões hegelianas de que o pensamento e a reflexão superam a arte e que a arte é oposta à filosofia como forma mais inferior, meramente sensual de reconciliação entre a natureza e a realidade finita” (GILROY, 2019, p.159). Gilroy vai afirmar que a memória da escravidão, ativamente preservada como um tipo de recurso intelectual vivo dentro daquela cultura política, gerou entre os escravizados um novo conjunto de perguntas e respostas que pudessem garantir sua sobrevivência:

Eles tiveram que lutar – muitas vezes por meio de sua espiritualidade – para manterem a unidade entre a ética e a política, dicotomizadas pela insistência da modernidade em afirmar que o verdadeiro, o bom e o belo possuíam origens distintas e pertenciam a domínios diferentes do conhecimento. (GILROY, 2019, p. 99).

Toda essa cultura musical afro-diaspórica, foi e ainda é vista como elemento central na luta contra a escravidão e o racismo, mas também como um tipo de linguagem pela qual comunidades negras organizaram suas identidades, valores e conhecimentos diversos. Dessa forma, temos no rap/hip-hop, bem como por meio de seus agentes, a possibilidade de afirmarmos suas narrativas, reflexões e tecnologias como um tipo de ciência marginal “multicêntrica”, dirigida por seus pares, eventos próprios, revistas, documentos, instituições e um esforço de produção sistemática de suas memórias²⁸.

²⁷ Síntese, “Nota explicativa”, Álbum Sem Cortesia: vagando na Babilônia em busca de Canaã (São José dos Campos, Matrero, 2012).

²⁸ Em 2021 foi inaugurado o primeiro Arquivo Brasileiro da Cultura Hip-hop. A iniciativa se deu por meio de professores e pesquisadores da Unicamp, juntamente com figuras centrais do hip-hop

O rap comporta em sua estrutura um rigor crítico, racional e científico – em seus próprios termos –, que desafiam e desestabilizam os limites do pensamento moderno. Por meio deste gênero musical, o sujeito acessa uma cultura política “marginal”, descobre novas ferramentas de análises e epistemologias, e desenvolve múltiplas linguagens que expressam e apreendem aspectos do real e do sensível. Dessa forma, compreendemos que o esforço empenhado para relacionar e/ou igualar o rap como um tipo complexo de produção filosófica, objetiva assumir este gênero musical periférico como uma expressão humana altamente qualificada, por meio da qual podemos compreender ou fazer perguntas tanto sobre a cultura como da religião.

Conclusão

Quando pensamos no rap, normalmente associamos o gênero musical ao caráter político e social, esquecendo outros aspectos que atravessam suas experiências e identidade. Ao longo do artigo observamos a relação que o grupo Síntese mantém com diversos temas, mas percebemos que os elementos e expressões religiosas tem um lugar de destaque em sua obra. Vimos que aqueles que fazem do rap a sua linguagem de experimentação do mundo objetivo e até espiritual, o fazem de maneira integral, sendo impossível abarcar a experiência do hip-hop apenas enquanto um movimento político, mas filosoficamente complexo e plural – como é próprio das culturas afro-diaspóricas. Na busca de novos horizontes teóricos e relações entre a dita “cultura periférica” e as formas de pensamento científico mais “clássicos”, traçamos um caminho que a princípio poderia soar desconexo, mas que ao longo da análise se mostraram altamente interessante e significativa para romper alguns limites coloniais do pensamento cultural, sociológico e filosófico brasileiro. Síntese nos ajudou compreender não só algumas dinâmicas características da religião na periferia do Brasil – demonstrando sua pertinência para a ciência da religião –, mas também afirmando o rap como uma forma de reflexão “marginal”, um pensamento filosófico complexo oriundo das periferias do país.

Referências

CAPPELLI, Márcio; ROCHA, Bruno. No princípio era o rap: A construção do mito na obra dos Racionais Mc 's. **Estudos de Religião**, v. 34, n.3, p. 153-176, set.-dez. 2020.

brasileiro. No arquivo encontram-se cartas históricas, documentos, livros e revistas que abordam essa cultura, e que aos poucos vai consolidando-se no Brasil uma área de pesquisa conhecida como estudos de hip-hop. Para saber mais, acesse a reportagem no site oficial da universidade. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2021/11/10/unicamp-lanca-o-primeiro-arquivo-brasileiro-da-cultura-hip-hop>. Acesso em: 20 ago. 2022.

DARBY, Derrick; SHELBY, Tommie. **Hip hop e filosofia: da rima à razão**. São Paulo: Madras, 2006.

DREWS, Pablo. O conceito de cultura no período extemporâneo de Nietzsche. **Cad. Nietzsche**, Guarulhos/Porto Seguro. v. 39, n.3, p. 31-48, set./dez., 2018.

FONSECA, Silvana Carvalho. O rap como poesia negra da diáspora: modos de dizer, modos de fazer literatura. **Crítica Educativa**, Sorocaba-SP, v.5, n.1, p. 135-145, jan./jun., 2019.

GELLNER, Ernest. **Nations and nationalism**. Oxford: Blackwell, 1983.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2012.

JAMES, William. [1902]. **As Variedades da Experiência Religiosa: Um Estudo sobre a Natureza Humana**. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

NETO. 2015. **Rap Box** (YouTube). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WHq3MpCO5uE&t=872s>. Acesso em: 14 jan. 2021.

NETO. 2017. **Colmeia Golden Era** (YouTube). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5rCA6knZnos>. Acesso em: 14 jan. 2021.

NETO. 2017a. **Colmeia Golden Era** (YouTube). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ke1H7j6g7mM>. Acesso em: 14 jan. 2021.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**. Trad. SOUZA, Paulo César. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ROCHA, Bruno de Carvalho. O mundo mítico-poético de Baco Exu do Blues: erotismo e religiões no rap. **Revista Unitas**, v. 9, n. 2, p.104-127, 2021.

ROCHA, Bruno de Carvalho. **Rap e religião: análise do imaginário religioso em Racionais MC's**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) --Diretoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2022.

SANTOS, Jaqueline Lima. **Imaginando uma Angola pós-colonial: A cultura Hip-hop e os inimigos políticos da Nova República**. São Paulo, 2019. 314p. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2019. [Orientada por Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz].

Submetido em: 01/02/21

Aceito em: 26/08/22